

## CARTAS CORAZONADAS E HISTÓRIAS DOCENTES PARA AFIRMAR POLÍTICAS CURRICULARES ENGAJADAS COM O BEM-ESTAR NA EDUCAÇÃO

*Bruna Moraes Battistelli*

### Resumo

Pode um artigo científico ser escrito em cartas? Afirmando a importância de os currículos estarem pactuados com o enfrentamento aos sistemas de opressão e implicados com o bem-estar de todas as pessoas envolvidas no processo pedagógico, este artigo apresenta uma reflexão acerca do tema das políticas curriculares coloniais que reproduzem modos de docência e pesquisa comprometidos com a padronização, o silenciamento e a exclusão de certas existências. Deste modo, a partir do que nomeio *cartagrafia*, sustento a escrita como recurso para descolonizar e tensionar os processos hegemônicos e normalizados de pesquisa sobre educação. Desenvolvido como uma troca de cartas com bell hooks, tenho como intenção apresentar um recorte da pesquisa sobre histórias docentes envolvendo cuidado, invenção e enfrentamento a diferentes formas de violência. Pensando a partir dos ensinamentos de feministas negras como bell hooks e Audre Lorde, as cartas e as histórias docentes se constituem como ferramentas para imaginar outros modos de ser professora-pesquisadora, e uma forma de descolonizar o que aprendemos e ensinamos sobre educação e pesquisa neste campo.

**Palavras-chave:** cartas; pedagogia engajada; feminismos; políticas do cuidado; imaginação.

## CORAZONADAS LETTERS AND TEACHING STORIES TO AFFIRM CURRICULAR POLICIES ENGAGED WITH WELL-BEING IN EDUCATION

### Abstract

Can a scientific article be written as letters? Affirming the importance of curricula aligned with the struggle against systems of oppression and committed to the well-being of all people involved in the pedagogical process, this article presents a reflection on the theme of colonial curricular policies that perpetuate teaching and research practices tied to standardization, silencing, and exclusion of certain identities. In this context, based on what I call *cartagrafia*, I argue for writing as a resource to decolonize and challenge hegemonic and normalized research processes in education. Developed as a letter exchange with bell hooks, I intend to present an excerpt from my research on teaching stories centered around care, invention, and resistance to different forms of violence. Drawing from the teachings of Black feminists like bell hooks and Audre Lorde, teaching letters and stories become tools to imagine other ways of being a teacher-researcher, and to decolonize what we learn and teach about education and research in this field.

**Keywords:** letters; engaged pedagogy; feminisms; care policies; imagination.

## CARTAS CORAZONADAS E HISTÓRIAS DIDÁTICAS PARA AFIRMAR POLÍTICAS CURRICULARES COMPROMETIDAS COM O BIENESTAR NA EDUCAÇÃO

### Resumen

¿Se puede escribir un artículo científico em cartas? Afirmando a importância de que os currículos estejam comprometidos com o enfrentamento a los sistemas de opresión y relacionados com o bienestar de todas las personas involucradas em el proceso pedagógico, este artículo presenta una reflexión sobre el tema de las políticas curriculares coloniales que reproducen modos de enseñanza e investigación comprometidos com o la estandarización, el silenciamiento y la exclusión de determinadas existencias. De esta manera, a partir de lo que llamo cartagrafia, sostengo la escritura como recurso para descolonizar y tensionar los procesos hegemónicos y normalizados de investigación em educación. Desarrollado como un intercambio de cartas com o bell hooks, pretendo presentar un extracto de la investigación sobre historias docentes que tratan el cuidado, la invención y el enfrentamento a diferentes formas de violencia. Pensando desde las enseñanzas de feministas negras como bell hooks y Audre Lorde, las cartas y las historias docentes son herramientas para imaginar otras formas de ser profesora-investigadora, y una forma de descolonizar lo que aprendemos y enseñamos sobre educación e investigación em este campo.

**Palabras clave:** cartas; pedagogía comprometida; feminismos; políticas del cuidado; imaginación.

### INTRODUÇÃO

Este artigo foi escrito em 2024, talvez seja publicado no mesmo ano, no próximo ou nunca chegue a ganhar as páginas de uma revista científica. Ele é o registro dos dados de uma pesquisa científica escrito em forma de cartas, pois tenho trabalhado com o que intitulei *cartagrafia* (Battistelli, 2017; 2022), fazer que consiste em apostar em uma metodologia e em uma política de pesquisa abertas ao diálogo, endereçadas e que se comprometam com as histórias compartilhadas em uma espécie de correio, no qual troco cartas e convido outras pessoas a me escrever. Inspirado na temporalidade das cartas e do correio (Battistelli, 2021; Rodrigues, 2017), este artigo é também registro de um tempo de vida de uma pesquisadora que escreve, pesquisa e é professora em uma localidade geográfica, e dialoga com intelectuais que, em suas existências radicalmente diversas, permitem abrir um rasgo no que se entende por escrita acadêmica. “A relação íntima com o tempo está na substância das cartas” (Rodrigues, 2017, p. 8), deste modo, a pesquisa e a política de escrita aqui trabalhadas têm um compromisso com o tempo alargado, para além da correria dos prazos, da escrita digital e do capitalismo. Amiga do tempo, uma pesquisa escrita em/com cartas permite que o pensamento se constitua no entre: entre o tempo da escrita, do envio e da possível resposta. Este texto, então, rompe com os moldes mais tradicionais do que se espera de um artigo: é escrito em primeira pessoa do singular, endereçado a alguém e tem como objetivo criar um espaço de intimidade (Lorde, 2019; Battistelli, 2022) e bem-estar (hooks, 2017; 2020a) com a/o leitora/or. A intenção é compartilhar o compromisso com o cuidado, entendido a partir das epistemologias feministas negras (Collins, 2019) que nos ensinam um modo de exercício epistemológico a partir da coerência entre o que falamos e o que fazemos.

Cansada de ouvir que os trabalhos que eu e minhas/meus alunas/os produzimos são muito bonitos e corajosos, mas não são científicos, resolvi escrever este artigo em forma de uma troca de cartas; me imaginei escrevendo para bell hooks e respondendo às respostas dela em um correio imaginativo e fabulativo. A escolha se justifica pois bell hooks (2017; 2019; 2020a; 2020b; 2021) mudou a rota epistemológica e metodológica da minha formação acadêmica. Preocupada com o

campo da educação e com o feminismo como potência de modificação das estruturas de opressão, foi com autoras como ela e Patricia Hill Collins (2019) que aprendi que a ciência é múltipla, que a escrita é sempre política e que escrever em primeira pessoa do singular é possível. Escolho dialogar em cartas abertas (Guerini, Moysés, 2009), pois encontro bell hooks desde nosso interesse pela educação e de um lugar íntimo. Conscientes de nosso trabalho como professoras, nos encontramos em pelo menos três momentos, nos livros *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (2017), *Ensinando o pensamento crítico: a sabedoria prática* (2020a) e *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* (2021). Com ela aprendi que a educação como prática de liberdade é ação, que precisa ser trabalhada e conquistada cotidianamente (hooks, 2017; 2020a), e que o amor é um gesto e não um sentimento (hooks, 2020b). Sou uma pessoa branca que produz conhecimento a partir do que aprendi com inúmeras intelectuais que não compartilham do mesmo privilégio racial que o meu. Aprendi com bell hooks que posso aprender *com*, mas nunca me tornar uma especialista *em*, já que compartilhamos a experiência de estar no mundo desde lugares muito diversos. E é assim, dessa posição de aprendiz, que apresento este artigo que é sobre docência, feminismos e escrita na pesquisa em educação. Colocar o corpo em posição de aprendizagem é ponto fundante da postura ética de uma pesquisadora feminista cis branca que dialoga com saberes produzidos por intelectuais cujos corpos são sistematicamente invalidados pela lógica ocidentalizada que inspira o modelo de universidade que vivemos. Não há pesquisa individualizada, não há espaço para o que se toma como genialidade (Diniz, 2024), mas, sim, relações de aprendizagem com pesquisadoras/es que usaram escrever e pesquisar à revelia (Mombaça, 2021), antes de mim.

É com o corpo em toda sua inteireza (Lorde, 2020; Leal, 2021) que produzo pesquisa, docência e escrevo os trabalhos que advém desses processos. Abigail Campos Leal nos afirma que a “[...] vida mesma, em toda sua inteireza, opera também como um tipo de arquivo a partir do qual é possível pensar, criar y agir” (2021, p. 78), sendo uma das intelectuais que aciono neste texto para nos mostrar as potências do pensar desde o mais íntimo de nossas vidas. É com essas companheiras que estaborecerei laços (Ahmed, 2022) para apresentar um recorte do que estou produzindo na pesquisa *Histórias miudinhas do viver-fazer docente: autobiografias para pensar a educação como prática de cuidado*, aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal do Paraná ( CAEE 71892323.3.0000.0214). Nessa pesquisa, opero com a ideia de escrever cartas e contar as histórias de professoras que atuam em escolas públicas no estado do Paraná, dando seguimento aos processos de pesquisa que estaboreci no mestrado (Battistelli, 2017) e no doutorado (Battistelli, 2022). Além de produzir conhecimento, esses processos pretendem conduzir uma intervenção de cuidado, que amplie o que entendemos por docência e cuidado, a partir de saberes construídos na sala de aula por trabalhadoras/es da educação. Deste modo, apresento neste artigo algumas pistas que reúno a partir da pesquisa e do encontro com outras/os docentes, inspirada em bell hooks, que nos lembra que, se queremos que nossas/os alunas/os se exponham e contem suas histórias, precisamos apresentar nossas histórias. Assim, conto algumas histórias da minha docência e de como venho construindo uma política curricular no campo da psicologia da educação que esteja pactuada com o bem-estar de todas as pessoas que passam pelas minhas salas de aula.

## CARTAS

### Carta I - Iniciando uma conversa pelo meio: o que move uma docente é a esperança

*Querida bell hooks,  
esperança  
é a única  
que move  
(Nascimento, 2019, p. 37)*

Tatiana Nascimento é uma poeta brasileira que parece muito com você, e é com ela que escolhi iniciar nossa correspondência. Pensando na esperança e em como ela só pode ser acarinhada em comunidade (hooks, 2021), desejo te contar uma pequena história de docência. Recebi um elogio que me cuidou o coração: ganhei de presente um colar que era da avó da aluna; ela me contou que sua avó tinha falecido há dois meses. Pense na importância do gesto de ir até a casa da avó, no meio de uma rotina cansativa de mãe-trabalhadora-aluna e escolher um colar pra mim, sua professora. Ela me disse que precisava me dar um presente com significado. Tremi ao receber o pacotinho que me foi dado pelo filho dela, meu *aluninho* mirim de 5 anos de idade. Tremi com a importância que me foi dada e tremo enquanto te escrevo pensando no quanto a docência me alimenta e no quanto também me angustia. Tremo em pensar que estou influenciando com a minha forma de pensar a docência uma geração de professoras, tamanha é a responsabilidade. E isso tudo me faz lembrar do que tu escreveu no início do livro *Ensinando a transgredir* (2017), quando tu nos conta do processo de adoecimento que viveu quando foi contratada para ser professora universitária. Sinto a pressão que tu narrou lá: como ser professora em tempos em que a docência é tão desacreditada? Como ser docente e seguir acreditando que é possível uma sala de aula onde o prazer tenha espaço?

Querida, estou com insônia, uma daquelas que revira o corpo e que obviamente terá efeitos ao longo do dia. Some a isso o fato de que estou viajando de Curitiba a Porto Alegre de madrugada. O ônibus sacoleja mais do que o normal, chove e me preparo para uma mudança de temperatura intensa (em Curitiba fazia 28 graus, já em Porto Alegre faz 14 graus). O sono não veio, mesmo que meu corpo esteja nitidamente cansado. Nossas/os leitoras/es podem se questionar: mas o que isso tem a ver com um artigo sobre docência e cuidado? Acredito que tudo, pois uma parte da insônia se deve ao fato de que estou imersa em intensos pensamentos: como fazer da docência espaço de cuidado? Como cuidar do bem-estar das/os minhas/meus alunas/os? Lembro do capítulo *Pedagogia engajada* (hooks, 2017) no qual tu nos convoca a pensar a educação como espaço de construção de bem-estar, pensando em como precisamos responder à demanda por autoatualização que nos é trazida pelas/os alunas/os. Se o semestre vai encerrando por aqui e vou vivendo o luto dessas redes de relações que se desfazem, surge a agitação que acompanha as turmas novas que trazem consigo a lembrança de um velho fantasma que me habita: e se eu falhar com elas? E se não conseguir produzir uma comunidade de aprendizagem? Os finais de semestre me trazem o sentimento de ninho vazio, de relações que se vão. Será que fiz o possível? Será que não deveria encher elas (as alunas) de conteúdo? Será que não estou fragilizando a preparação delas? Sei que são perguntas cruéis essas que me oferto, e se escolho expor isso é no sentido de mostrar as rachaduras, os inacabados dos meus processos docentes. E na esperança de que elas diminuam de intensidade ao longo da minha experiência e sirvam de alerta para outras professoras: precisamos trabalhar nossa autoestima antes de nos ocuparmos das de nossas/os alunas/os (hooks, 2020a).

Não há como pensar em uma docência cuidadosa sem essa abertura, sem exposição, como tu mesma nos diz (hooks, 2021). Só há liberdade se houver exposição de tudo o que somos, e nisso sinto tu e Audre Lorde (2019; 2020) soprando em meus ouvidos. Ao longo das últimas disciplinas que lecionei, surgiu o desejo de escrever sobre uma ferramenta de aprendizagem que tenho utilizado muito: compartilhar e contar histórias, conversações (hooks, 2020a). A partir dos teus ensinamentos, eu repito muitas vezes ao longo dos semestres: precisamos compartilhar nossas histórias, aprender a conversar e a contar histórias como forma de cuidar da sala de aula. Meu desejo é *corazonar* (Arias, 2010) a docência de tal modo que ela alimente um desejo por mais em minhas alunas (Lorde, 2019). Venho fomentando um modo de estar em sala de aula que passa pelos usos do erótico (Lorde, 2019), mesmo que eu cause alvoroços quando lanço esta ideia com minhas alunas do primeiro semestre da licenciatura em pedagogia. Uma aluna em minha última disciplina soltou um riso alto e surpreso quando anunciei que quero ser uma professora que dê tesão nas alunas, explicando logo em seguida que não estava falando desta palavra com conotação sexual, mas ativando saberes como os ensinados por Audre Lorde (2019) quando nos fala da importância dos usos do erótico. Falo de ferramentas de produção de saúde, alargando o que conhecemos sobre cuidado em saúde mental.

Quando Silva (2019) produziu seu trabalho de final de curso intitulado *Saúde mental no ambiente acadêmico: uma investigação sobre as percepções e vivências das licenciandas em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, nos mostrou que, se queremos trabalhar em prol do bem-estar de nossas/os alunas/os, precisamos estar mais conscientes do que ofertamos em nossas salas de aula. A autora expõe, por meio de uma pesquisa com cem estudantes, que elas querem e necessitam de mais espaços de conversa com as/os professoras/es no cotidiano acadêmico. Não precisam de atendimentos psicológicos ou psiquiátricos, pois nos mostram que o que as/os adocece, em parte, é o que lhes ofertamos como aposta pedagógica. Um apontamento em consonância com o que tu nos oferta quando diz que, em tua experiência, se partia do princípio de que as/os alunas/os advindas/os de classes populares e trabalhadoras abandonariam seu modo de falar e existir (hooks, 2017). Entender o tanto de sofrimento que pode ser gerado ou aumentado por práticas pedagógicas aliadas a processos opressivos é um passo importante para uma professora que deseja se aliar com a pedagogia engajada. Como não adoecer quando nossas/os professoras/es querem que sejamos outras pessoas e que rompamos com os processos que nos subjetivaram? Um currículo e seus processos de consolidação promovem a autorrecuperação ou promovem práticas de exclusão e silenciamento? Com quais políticas curriculares quero estar pactuada? Se não cuidarmos de nossas salas de aula, nossas pesquisas serão contraditórias em suas sustentações.

Encerro esta primeira carta por aqui!

Um forte abraço, Bruna

## Carta II - O que é ciência? A pesquisa e a docência na educação

Querida bell hooks,

Um dia li que uma ciência triste é aquela em que não se dança<sup>1</sup>. Ela, a autora da frase, vem de um campo *duro* do conhecimento, preocupada com a filosofia do conhecimento desde as relações do campo da química e da física. Te digo que nem sempre consigo acompanhar o que ela propõe, mas é uma autora que nos coloca a pensar que a ideia hegemônica de ciência é um entre muitos modos de produzir conhecimento. Trago estas questões em nossa correspondência, pois

1 Afirmação de Isabelle Stengers em entrevista registrada em Dias et al. (2016).

esses dias me perguntaram: mas é ciência isso que tu faz? Nem pestanejo mais para responder: sim, é ciência rigorosa e produzida desde intelectuais pactuadas com os saberes feministas negros, especialmente você, Audre Lorde (2019) e Patricia Hill Collins (2019), bem como intelectuais pactuadas/os com os saberes contracoloniais latino-americanos, em especial Patricio Arias (2010), com o qual compartilho um interesse em *corazonar* a pesquisa em educação. Não dou mais espaço para que interpelem meu lugar na academia. Rechaço os rótulos com o posicionamento de meu corpo e de minhas/meus alunas/alunos, que muito corajosamente vêm compartilhando comigo suas histórias e construindo seus textos desde o mais íntimo de suas experiências.

Tem sido bonito acompanhar o assombro de quando falo que iremos construir conhecimento desde as suas histórias e que as/os autoras/es escolhidas/os precisam estar em diálogo com elas, e não explicarem essas histórias. Tem sido bonito o modo como algumas/uns estão se permitindo escrever em primeira pessoa e reconfortante ver o brilho nos olhos com suas primeiras escritas acadêmicas. Tenho orientado estudantes-trabalhadoras/es que não tiveram contato com a iniciação científica antes da escrita do trabalho de conclusão de curso (TCC) ou da chegada ao mestrado, são alunas/os oriundas/os da classe trabalhadora que enfrentam longas jornadas de trabalho e encontram pouco espaço para experimentação de processos de pesquisa e/ou extensão na universidade. Neste processo de acompanhamento de suas construções de pensamento, por vezes é preciso oferecer colo, pois elas/eles abrem em suas escritas histórias de dor e de violência, e o medo do julgamento alheio é sempre um fantasma em um mundo tão vaidoso como a universidade. Se te conto essas histórias e abro nossas correspondências a outras, é na intenção de compartilhar pensamentos que são sobre docência, pesquisa, educação, cuidado e perspectivas ético-epistemológicas de produção de conhecimento. Meu desejo é por pesquisas *corazonadas* (Arias, 2010), escritas inspiradas em cartas de amor.

Te confesso que é cansativo ser vista sempre com desconfiança, é cansativo ouvir as pessoas falarem de contracolonialidade, decolonialidade e/ou educação como prática de liberdade e seguirem reproduzindo as mesmas lógicas de violência colonial que vêm sendo produzidas ao longo dos séculos. Queremos alunas/os autônomas/os e críticas/os? Queremos descolonizar a educação e a pesquisa? Ou queremos isso apenas no registro do papel, com palavras em artigos Qualis A1 ou A2 ou com alto fator de impacto? Sou muito consciente dos riscos que corro com estas cartas que juntei e montei em formato de artigo. Corro o risco de cair em contradição, pois também quero estar em publicações como as que citei. Desejo disputar os espaços hegemônicos, mas apresentar um modo outro de produção. Quando Joaze Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel (2016) mostram as possibilidades para o pensamento decolonial no Brasil, afirmando que ele é prática, ou seja, que não há decolonialidade apenas no campo da linguagem, pois ela precisa ser sustentada por aquilo que fazemos e como o fazemos, penso no quanto esse exercício é complexo e cotidiano. Não há mudanças macropolíticas sem as pequenas mudanças cotidianas produzidas em nossas relações e, com isso, lembro de você e de Patricia Hill Collins (2019). Que possamos produzir COM literaturas; as docências e nossos currículos ganham em força e potência com o encontro com escritoras como Cárdenas (2022), que aciono para pensar o quanto precisamos de políticas da alegria em nossas salas de aula e em nossos modos de produzir conhecimento. Quero docências que encham os corpinhos de vontade de sala de aula. Quero uma docência que faça dançar, assim como Kainene fez as crianças brancas dançarem.

A escrava careca não conseguia entender o porquê de a sinhá e os convidados estarem fazendo tanto barulho. Ao seu redor, ouvindo suas contações de histórias e canções, dançando, como qualquer menino na África, estavam todas as crianças brancas, de olhos azuis e verdes, meninas e meninos, de todos os tamanhos, com seus cabelos

louros e castanhos presos em tranças finas como caminhos, tranças com miçangas, caracóis e sementes, com mapas e rotas secretas para a liberdade (Cárdenas, 2022, p. 76).

Um pequeno conto, que nos mostra toda a potência para a liberdade e para o cuidado que as mulheres negras podem carregar desde os saberes que compartilham ancestralmente. E nos mostra o assombro das pessoas brancas em verem o seu sistema racista e colonial ser colocado em xeque por uma mulher negra escravizada, cujo poder está na alegria, no afeto, no cuidado, nas relações. Aliançada com saberes prenhes de histórias, desejo uma docência que descolonize o que esperamos da escola e da educação.

Um abraço pra você, Bruna

### Carta III - Escritas desde o íntimo na educação

bell querida,

“[...] y vamo destruir/tudo o que vc ama, seus ideais de/‘civilização’, ‘cultura erudita’” Tatiana Nascimento (2019, p. 10). Começo com esse trechinho de Tatiana que dialoga contigo e com como tu pensa a descolonização. Tenho muito evidente o que desejo destruir em meu cotidiano de trabalho como docente e pesquisadora, ou seja, as armadilhas coloniais que engessam as escritas e o pensamento e que ensinam às/aos minhas/meus alunas/os que elas/es não podem escrever ou se considerarem pesquisadoras/es. E como escrever uma pesquisa? Ou um trabalho acadêmico? Quando as/os alunas/os, principalmente as/os que acompanho em orientações de TCC, me perguntam se podem escrever suas histórias, respondo com firmeza que sim. Sinto que os corpinhos a minha frente oscilam em descrença ao convite que faço para que contem suas histórias e contem muitas histórias. Elas/es levam um tempo para conseguir acreditar no que lhes proponho e me afirmam o quanto aquilo vai no sentido oposto ao que aprenderam sobre escrita na academia. Sou consciente de que promovo um choque entre formas narrativas e coloco em questão saberes coloniais e naturalizados do que se entende por pesquisa e por escrita na universidade.

Volto a te escrever com o corpo vibrando com teus ensinamentos e com os poemas de Tatiana Nascimento, são com eles que sigo me perguntando: como escrever pesquisas acadêmicas com uma escrita apaixonada e íntima? Quero que minhas/meus alunas/os tenham prazer com suas escritas e que elas/eles operem de acordo com o que tu nos ensinou, em busca de escritas que sejam exercícios de autorrecuperação (hooks, 2019). E que elas/eles possam assumir toda a potência do próprio pensamento, e que assim, se afirmem enquanto sujeitas/os do saber e do conhecimento. Trabalho com corpos que historicamente foram apartadas dessa possibilidade: são filhas de empregadas domésticas, mulheres negras, mulheres trans, travestis, indígenas, trabalhadoras, mães, pessoas com alguma deficiência, oriundas de cidades de regiões metropolitanas e que gastam mais de duas horas diárias no transporte público, etc. Quero mostrar para minhas/meus estudantes que é possível ser pesquisadora desde um outro modo e dialogar com a pesquisa, com o conhecimento respeitando minha inteireza (Lorde, 2020). Sou pesquisadora, mulher cis, branca, lésbica, feminista, madrastra de um menino negro, esposa, filha, irmã, escritora, professora, gorda, agitada, irritada, sem paciência, e tudo mais o que me compõe, e escrevo desde todos esses lugares.

Lorde (2019) nos lembra que não há como descolonizar o conhecimento sem a construção e imaginação de outras possibilidades. “Não podemos combater o velho poder usando apenas as regras do velho poder. A única forma de fazer isso é criar toda uma outra estrutura que abarque

todos os aspectos da nossa existência, ao mesmo tempo que resistimos” (Lorde, 2019, p. 126). Vocês nos alertam que examinar as nossas diferenças é primordial para imaginar e propor um mundo para além dos pressupostos opressores e violentos que nos apresentam. Tomo o exercício de escrita de minhas pesquisas desde o conceito da autorrecuperação, pois a entendo como uma ferramenta que possibilita que corpos e existências diversas imaginem um mundo no qual ser sujeita do conhecimento não será tomado como ameaça por quem se acostumou com o privilégio da autointitulada superioridade. Lorde (2019) nos alerta para um exercício arrogante do feminismo quando este não examina as muitas diferenças do que representa ser mulher, por exemplo.

Escrevo cartas para mostrar de que modo penso, crio e operacionalizo a pesquisa; há uma intenção dialógica que aprendi com mulheres como tu e Lorde (2019; 2020). A imaginação, bem como tu nos lembra (hooks, 2020a), é a ferramenta possível para que possamos criar frente, construir barricadas ao avanço colonialista que persiste em nossos modelos educacionais. “O que isso significa, quando as ferramentas de um patriarcado racista são usadas para examinar os frutos desse mesmo patriarcado?” (Lorde, 2019, p. 136). Com tristeza te digo que aceitamos mais facilmente o fim do mundo do que podemos suportar o fim do sistema capitalista imperialista, patriarcal, supremacista branco. E isso diz da nossa dificuldade em entender que a possibilidade de novos mundos (Krenak, 2022) está no que Lorde nomeou “[...] a interdependência de diferenças mútuas” (2019, p.137), apostando nela como poder para produzir mudanças significativas em um contexto de caos opressor como o que convivemos.

“A sobrevivência não é uma habilidade acadêmica” (Lorde, 2019, p. 137). Percebo o quão importante é essa lembrança que nos faz Audre Lorde, pois para que eu possa construir um percurso de produção docente e de pesquisa implicada com saberes como os teus e os dela, preciso entender que fomentar o desejo de comunidade em minhas/meus alunas/os, passa por afirmar suas diferenças e instigar um trabalho que se dê no encontro, no choque entre essas diferenças, e sustentar e suportar o conflito que emerge desses encontros (hooks, 2020a) é fundamental. Te conhecer no início do processo de doutoramento modificou rotas e rumos. E assim como Jota Mombaça, que afirma “[...] então eu vim para cantar à revelia” (2021, p. 14) e nos “convoca a viver apesar de tudo” (2021, p. 14), eu precisava pesquisar e escrever à revelia. Experimentar uma escrita que pudesse colocar no papel o modo como eu entendia a produção de conhecimento e como posicionava meu corpo na universidade. Minha dissertação (Battistelli, 2017), minha tese (Battistelli, 2022) e minha atual pesquisa têm em comum produzir um rastro de cartas que instiguem e convoquem outras/os a escrever, pesquisar e publicar à revelia dos ditames hegemônicos que congelam e mortificam a escrita com regras e formas que empobrecem a experiência e, por consequência, a existência.

Escrevo cartas em uma aposta na beleza (Sharpe, 2024), pois não há outra forma de sobrevivência e existência em um mundo moderno colonial que não seja na busca por beleza. “Toda a beleza e todo respiro que existem vieram a ser apesar do Brasil” (Mombaça, 2021, p. 17). É a partir desse pensamento e deste modo de existir que autoras como tu e as que carrego comigo em nossas cartas mostram um certo jeito de “[...] me apresentar em minha insegurança e vulnerabilidade” (Mombaça, 2021, p. 25). Não há, desta maneira, outra forma de escrever academicamente que não seja desde minhas vulnerabilidades e inseguranças; é isso que faz da professora poeta e humana, nos lembra Lorde (2020). Um currículo para o bem-estar precisa alinhar-se com o poético, com as brincadeiras, com as histórias de vida, com as biografias de quem não é recorrente nos programas de estudos das disciplinas que ofertamos na universidade ou nos produtos que produzimos a partir de nossas pesquisas.

Te agradeço a escuta e me despeço por aqui, Bruna

#### Carta IV - Escrevo como quem escreve uma carta de amor

bell querida,

*Rogo a cada uma de nós aqui que mergulhe naquele lugar profundo de conhecimento que há dentro de si e chegue até o terror e a aversão a qualquer diferença que ali habite. Veja que rosto têm. Só aí o pessoal como algo político pode começar a iluminar todas as nossas escolhas.*  
(Lorde, 2019, p.138)

Tenho pensado em ti e no tanto que me modifiquei ao te encontrar e me propor a aprender contigo. O que eu faço com a potencial opressora que habita em mim? Repito essa frase pra mim, a cada aula e semestre que se inicia, e sempre que possível devolvo essa pergunta para outras pessoas ao meu redor. Bem como Lorde (2019) afirma, não há pessoal que se sustente como experiência política sem esse rasgar na carne, principalmente para corpos que se acostumaram com o privilégio. Não basta que nos afirmemos livres de violências, é preciso que mostremos com nossas práticas o quanto estamos nos movimentando. Tomando vocês duas como inspiração, minha sala de aula costuma ter sempre gente indo e vindo. Gente comendo, gente dormindo, mexendo no celular, entrando atrasada ou saindo mais cedo. Crianças são sempre bem-vindas e alunas que são mães sabem desde o primeiro dia que terão a vida facilitada. A voz de cada pessoa é importante, e há um limite bem delimitado desde o primeiro dia: discursos de ódio contra existências alheias não serão permitidos. As existências são celebradas, e as histórias são sempre bem-vindas.

Ao longo do semestre recebo alguns e-mails relatando falta de dinheiro para ir às aulas e alguns que contam de adoecimentos físicos e psíquicos que impossibilitam o estar em sala de aula. Por vezes, preciso lidar com esvaziamentos, que muito falam do modo colonial como nos organizamos no ensino superior: as alunas precisam escolher entre ir à aula ou faltar para dar conta de trabalhos avaliativos de outras disciplinas. A grande maioria de minhas/meus alunas/os são trabalhadoras/es: as que contam com um pouco mais de suporte de sua rede familiar conseguem se manter com estágios, mas há uma boa parcela que precisa trabalhar no comércio ou em outros empregos que não dialogam com a educação. Estou narrando um clássico, não sei se era assim em sua época, mas, na minha, era um dilema frequente: revezar o número de faltas entre as disciplinas em que as professoras eram mais compreensivas para dar conta das avaliações e leituras. Sempre uma lembrança de que a formação universitária talvez não seja para quem precisa pagar contas ao final do mês e se sustentar.

Se quero uma pesquisa que reúna o maior número possível de histórias docentes, preciso seguir teus conselhos e fazer aquilo que convido outras a fazerem: contar minhas histórias de cuidado, invenção e de enfrentamento aos sistemas de opressão. Tu nos lembra (hooks, 2020a; 2021) que, se queremos que as/os alunas/os contem suas histórias pessoais, que se engajem em um processo comunitário de aprendizado, devemos mostrar que também estaremos ali, nos propondo aos mesmos exercícios. Jota Mombaça (2021), tempos depois de tu, irá nos dizer que é preciso politizar a ferida e, com isso, talvez seja possível ter indícios de uma coletividade. Deste modo, registro os rastros que me fazem produzir uma docência pactuada com o cuidado e com a liberdade. Escrevo seguindo linhas que se cruzam desde um percurso teórico-artístico e com isso dialogo com Emicida, que canta: “Do fundo do meu coração/Do mais profundo canto em meu interior, ô/Pro mundo em decomposição/Escrevo como quem manda cartas de amor” (2021). Quem nos lê pode pensar: por que se arriscar e escrever ciência desde linhas artísticas que citam

aquelas/es que escrevem como quem manda cartas de amor? Não titubeio: sou uma professora-pesquisadora que escuta e, com isso, afirmo que meu posicionamento é me colocar ao lado, desejosa de caminhar COM as pessoas com as quais me relaciono enquanto faço pesquisa, enquanto dou aulas.

Ser uma professora-escutadeira e formada em psicologia faz com que as alunas queiram falar, pois acreditam que eu posso escutar. Uma das estratégias que assumo é sempre terminar a aula um pouco antes do horário, e um dos motivos é que sempre há alguém que precisa conversar: seja por algo que vive na vida privada ou dilemas encontrados no trabalho, há sempre uma história que precisa ser dialogada e escutada. Quando isso começou a acontecer, lembrei das cenas que tu narra no livro *Ensinando a transgredir* (hooks, 2017), de quando tu almoçava com grupos de alunos e nesses momentos a aula rendia muito mais do que em sala. Levei alguns anos para entender a pista que tu nos ofertava: a proximidade e o cuidado com o bem-estar coletivo precisam de um trabalho que não nos contam nos livros sobre docência; são construídos na relação que estabelecemos, em um fiar que é gesto de confiança (Cuevas; Battistelli; César, 2022). Hoje, com mais maturidade e tempo de docência, percebo o quanto essas histórias fazem muito sentido para que possamos ofertar um ensino culturalmente relevante, aos moldes do que Gloria Ladson-Billings (2008) preconiza, uma atitude para a qual é preciso ampliar meus sentidos para acolher a vida em suas mais diversas formas.

O ensino culturalmente relevante, que seja escuta para demandas e histórias alheias, precisa ser gesto alimentado cotidianamente, pois se trata de um projeto, assim como o amor que tu nos ensina (hooks, 2020a; 2020b). Quando anuncio isso para as/os alunas/os, é sempre em tom de surpresa que o acolhem. Há um projeto de docência e de educação em jogo quando abro espaço para que a escuta de histórias seja possível em sala e no prosseguimento da aula. Há um projeto de mundo em jogo quando me preocupo com o horário de término das aulas noturnas. Há um projeto de educação em jogo quando *corazono* os processos avaliativos. Marimba Ani (1992) afirma que a descolonização intelectual é um requisito para a descolonização política, explicando que a cultura e a educação são armas bem-sucedidas no processo de consolidação da violência colonial, pois permitem a pacificação das vontades das vítimas. De acordo com a autora, quando você entende o poder que é impor sua própria cultura para outras pessoas, entende também modos para limitar a criatividade de sua visão de mundo.

Sou uma docente recente no ensino superior, mas não tão recente em sala de aula. Pensando na minha formação inicial no curso normal (magistério), são mais de vinte anos desde a primeira vez que pisei em uma sala de aula. Na época, minha/meus alunas/os tinham pouco mais de quatro anos e traziam uma série de exigências e necessidades que hoje percebo que me auxiliaram em aprender a acolher as minhas atuais alunas: trabalhei em contextos de extrema vulnerabilidade social, em ambientes nos quais as crianças, mesmo em classes altas, sofriam importantes negligências cotidianas. Já como docente universitária, minha experiência se iniciou no meio da pandemia por COVID-19, mediada pelo ensino remoto emergencial e com todos os processos e efeitos que a pandemia produziu. Sou uma docente recente, que tem visto a formação universitária ser questionada em sua dimensão pública; transformada em mercadoria, com cursos que ofertam uma formação em dois anos a *preço de bananas*, como dizia minha avó.

Com tudo isso, resalto a importância de ter te encontrado e aprendido a pedagogia engajada, o compromisso com a escuta e com a comunidade de aprendizagem. Sou uma professora mais consciente dos processos de opressão e como eles me subjetivam e subjetivam minhas alunas. Por isso, tenho insistido em *corazonar*, verbo que aprendi com Patricio Arias (2010) e, com ele, venho modificando os processos avaliativos que oferto a cada semestre. O autor nos mostra os

percursos do pensamento colonial e o quanto foi um projeto epistêmico nos afastarmos dos saberes do coração; em contraponto, ele nos convoca a pensar e sentir desde as sabedorias dos povos andinos. Arias, assim como Ani (1992) e tu (2017; 2019), nos mostram um percurso doloroso, mas necessário: precisamos desmamar, utilizando um termo de Marimba Ani (1992), dos pressupostos metodológicos que nos estrangulam e perpetuam um futuro genocida. Desta forma, *corazonar* tem a ver com como contamos nossas histórias, como acolhemos diferentes formas de saber e como apaixonamos a produção de conhecimento. Um currículo que dispute esses processos permite que coloquemos em prática a descolonização do pensamento. Marina Coimbra Silva afirma que “[...] a educação, ao envolver sujeitos de vários solos, culturas, perspectivas, pensamentos, etc., necessita da compressão como um dos seus fundamentos, que supere a dicotomia sentir/pensar e considere os atores envolvidos na educação em sua inteireza” (Silva, 2021, p. 115).

Neste processo, quando preciso alimentar a autoestima de minhas/meus alunas/os e com isso estimular que elas/es pensem nesses efeitos nos processos de desenvolvimento humano, peço que escrevam uma carta contando cinco coisas das quais se orgulham em si próprias/os. Tu nos lembra que o amor-próprio não floresce em isolamento (hooks, 2020b) e, com essa afirmação reverberando, proponho que elas/es celebrem seus próprios processos de desenvolvimento. Quando preciso lembrar que o prazer é importante para aprendizagem (hooks, 2017) e que a sala de aula universitária pode acolher o riso, a brincadeira e a bagunça, lanço mão de brincadeiras como bolhas de sabão, bem como avalio o potencial criativo de todas/os com um sarau no qual cada estudante precisa fazer uma oferta inventiva para contar o tipo de docência que deseja para si. Esse é o momento, em muitas disciplinas, no qual irei ouvir a inteireza de minhas/meus alunas/os e me surpreender com suas histórias e partilhas. Lembro do riso solto de uma aluna bastante tímida que mostrou aos colegas como fazia o exame físico do fígado e dos rins; ela, estudante de enfermagem, tinha aprendido a realizar esses exames e queria mostrar seu novo conhecimento. Ela ria a cada demonstração, e era possível sentir no ar a confiança de quem narra um aprendizado a colegas que eram em sua maioria do campo da história e das ciências exatas.

Os ensinamentos de Arias (2010) dialogam com o que tu foi nos ensinando, que é em comunidade que aprendemos novos modos de estar no mundo, lembrando que não é só a academia que precisa ser descolonizada, mas a vida de modo geral. Sousa (2017) nos lembra que *sentipensar* e *corazonar* o conhecimento passa por estar junto com a outra pessoa, sentindo e pensando o mundo com ela; um modo de convivência inspirado em Rodolfo Kusch, que sustentava que conhecemos para viver. Quando proponho a docência e a pesquisa a partir desses pressupostos, reafirmo que precisamos conhecer nossas/os estudantes e nos conhecermos; é só desde esses conhecimentos que posso ensinar que acolham os saberes que carregam em suas entranhas e que percorrem o corpo todo. Vocês me ajudam a pensar o ensino da psicologia com pressupostos que não negligenciam os saberes que as/os minhas alunas/os carregam para a sala de aula e, por consequência, torço que elas/es não façam isso com suas/seus alunas/os.

Construo práticas curriculares que operam pelas frestas (Walsh, 2015; Sousa, 2017) para que assim possamos reafirmar o compromisso antirracista e feminista com a educação como prática de liberdade. Abrir nossas salas de aula e nossas pesquisas e escritas para o amor e para o bem-estar, não é, de forma alguma, nos colocarmos como terapeutas de nossas/os alunas/os, mas entender que estamos fazendo o *trabalho do amor* (hooks, 2020a, p. 240) e, com isso, movimentando a produção de conhecimento de uma forma *corazonada*, implicada com as/os estudantes de modo inteiro, e não apenas com a reprodução de formas ocidentalizadas de entender o mundo. Contar histórias docentes, associando saberes metodológicos desde os campos das autobiografias e das histórias de si, possibilita tecer processos pedagógicos, práticas curriculares e de políticas de

pesquisa que sejam pessoais e políticas, evidenciando os caminhos trilhados por docentes e discentes em busca de seus processos de autorrecuperação e bem-estar.

Um abraço apertado, Bruna

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo, pretendo romper com a experiência de escrita (e de leitura) que enquadra e formaliza um certo modo de narrar e compartilhar histórias. Parto do pressuposto de que pesquisas são coleções de relações e histórias que se desdobram umas das outras. Então, espero que a intimidade, a proximidade e o bem-estar sejam sentidos por quem ler estas reflexões que fazem parte do meu fazer-viver a pesquisa e a docência. Abro a intimidade da minha sala de aula e convido que outras façam o mesmo, pois a aposta é que aprendemos mais quanto mais histórias conhecermos umas/uns das/dos outras/os. Escolher bell hooks como interlocutora nesta proposta teve como intenção ampliar e aprofundar a divulgação dos ensinamentos dela, bem como apresentar um modo afetivo de se relacionar com uma autora. O conhecimento, a profundidade teórica e a produção de bem-estar enquanto práticas acadêmicas não devem ser dissociadas; desse modo, convido quem ler este artigo a revisitar suas práticas de pesquisa e de docência e se autorizar a modificar sua experiência a partir do que sustenta a pedagogia engajada. *Corazonar* a docência, a escrita acadêmica e os processos de pesquisa são parte de um projeto no qual as políticas curriculares possam ser traduzidas em termos de cuidado e bem-estar de todas/os.

## REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. *Viver uma vida feminista*. São Paulo: Ubu, 2022.
- ANI, Marimba. *Yurugu: an African-centered critique of European cultural thought and behavior*. Trenton: Africa World Press, 1992.
- ARIAS, Patricio Guerrero et al. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). *Calle 14 revista de investigación en el campo del arte*, Bogotá, Colômbia, v. 4, n. 5, p. 80-95, jul./dez. 2010.
- BATTISTELLI, Bruna Moraes. *Carta-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento*. 257 pp. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169461>. Acesso em: 23 out. 2024.
- BATTISTELLI, Bruna Moraes; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. *Currículo sem fronteiras*, v. 21, n. 2, p. 679-701, maio/ago. 2021.
- BATTISTELLI, Bruna Moraes. *Entre cartas e conversas: por uma política de pesquisa feminista e contra-colonial para a Psicologia Social*. Porto Alegre: Rede Unida, 2022.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 2016.
- CÁRDENAS, Teresa. *Awon Baba*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUEVAS, Marcia Roxana Cruces; BATTISTELLI, Bruna Moraes; CÉSAR, Janaína Mariano. Fiando processos de formação: entre pontos, gestos e conversas. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 25, n. 47, p. 1-22, jan./abr. 2022.

DIAS, Jamille Pinheiro et al. Uma ciência triste é aquela em que não se dança. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 155-186, ago. 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26605539>. Acesso em: 23 out. 2024.

DINIZ, Débora. *Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

EMICIDA. *Cananéia, Iguape e Ilha Comprida - Ao Vivo #AmarEloAoVivo*. YouTube, 15 de julho de 2021. 3min23s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j03Y6Ej3YVw>. Acesso em: 25 out. 2024.

GUERINI, Andreia; MOYSÉS, Tânia Mara. A carta ensaio de Italo Calvino: confluências entre os gêneros epistolar e ensaístico. *Fragments: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras*, Florianópolis, n. 36, p. 135-148, 2009.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020a.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020b.

HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

LADSON-BILLINGS, Gloria. *Os guardiões de sonhos: o ensino bem-sucedido de crianças afro-americanas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LEAL, Abigail Campos. *Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: GLAC, 2021.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LORDE, Audre. *Sou sua irmã: escritos reunidos*. São Paulo: Ubu, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Tatiana. *07 notas sobre o apocalipse ou poemas para o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Garupa e Kzal, 2019.

RODRIGUES, Sérgio. *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SHARPE, Christina. *Notas ordinárias*. São Paulo: Fósforo, 2024.

SILVA, Larissa Regina Gehlen da. *Saúde mental no ambiente acadêmico: uma investigação sobre as percepções e vivências das licenciandas em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 53 p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, 2019.

SILVA, Marina Coimbra Casadei Barbosa da. *Estética da sensibilidade: a arte do sentirpensar e corazonar em educação*. 150 p. Tese de doutorado (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências (Universidade Estadual Paulista, Marília), 2021.

---

SOUSA, Fernanda Brabo. Corazonar o pensar e o fazer pesquisa em educação como proposta para metodologias outras: esboços germinais. *Revista Cocar*, Belém, v. 11, n. 22, p. 248-266, jul./dez. 2017.

WALSH, Catherine. Notas pedagógicas desde las grietas decoloniales. *Clivajes: Revista de Ciencias Sociales*, Xalapa, México, n. 4, p. 1-1, 2015

*Submetido em outubro de 2024*  
*Aprovado em dezembro de 2024*

### **Informações das autora**

Bruna Moraes Battistelli  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
*E-mail:* [brunabattistelli.ufpr@gmail.com](mailto:brunabattistelli.ufpr@gmail.com)  
ORCID: 0000-0003-0973-0934  
*Link* Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4409591967533151>